

## JORNAL DAS MOÇAS: AS ENUNCIÇÕES MUDIÁTICAS E A NOÇÃO DE GÊNERO E IMAGINÁRIO FEMININO NO SÉCULO XX

**Patricia Canabarro Coelho de Moraes** - patriciacanabarro@hotmail.com  
Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**Andréa Cristina Martelli** - andreamartelli72@hotmail.com  
Docente do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo compreender a noção de gênero e imaginário feminino do século XX, a partir de análises realizadas nas publicações presentes no Jornal das Moças, observando assim, as permanências e mudanças entre os séculos XX e XXI, com base em leituras de autores e autoras que estudam a temática. Destacando que as revistas do século XX influenciavam a manutenção de comportamentos estereotipados, ratificando a separação entre os gêneros e reforçando os papéis femininos como mãe, esposa e dama na sociedade. Na transição entre os séculos XX e XXI, a mulher enfrentou muitas lutas para alcançar a igualdade social, conseguiu inserir-se no mercado de trabalho, na política, conquistou mais liberdade nos relacionamentos, entre outros. No entanto, muitas mulheres, ainda, encontram-se em situação desproporcional em relação ao homem na sociedade atual. Não desconsideramos os avanços entre os gêneros, mas parte da sociedade permanece fundamentada no conservadorismo e patriarcado do século XX, que dificultam as relações e perpetuam as desigualdades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Jornal das Moças; Mulher; Imaginário.

### 1 APONTAMENTOS INICIAIS

O presente trabalho busca compreender a noção<sup>1</sup> de gênero e imaginário feminino presentes no século XX, com base nos conteúdos apresentados nas revistas femininas da época, em específico nas publicações presentes no Jornal das Moças, selecionando algumas seções que apresentavam conteúdos sobre o comportamento, a vida social e conjugal da mulher brasileira daquele período.

---

<sup>1</sup> Sobre a utilização do termo “noção” destacamos a concepção de Maffesoli: “Em geral, sempre tive certa desconfiança em relação a conceitos que me pareçam muito fechados. Aliás, em latim, a etimologia da palavra conceito vem de *concepire*, que quer dizer fechado. Existe, então, no significado mesmo do termo conceito algo que é fechado. Segundo a minha hipótese, nós estamos vivendo um momento de mudança de paradigma. Mudança que se chama uma mudança societal. Parece-me, então, difícil conservar uma concepção, uma perspectiva sistemática baseada justamente nesses conceitos. É por isso que propus utilizar o que chamo de noções, de metáforas. São imagens, na verdade, que possuem um lado mais flexível, mais dinâmico e que me parecem, assim, mais conectadas com uma realidade social que é, ela mesma, flexível, dinâmica, fugitiva” (MAFFESOLI; ICLE, 2011, p. 521).

Nosso texto fundamenta-se na noção de imaginário como a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade. As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade (MAFFESOLI, 2001). Nesse movimento, os gêneros masculino e feminino são construídos e vivenciados.

A escolha pelo “Jornal das Moças” como fonte documental deve-se a uma publicação veiculada no ano de 2015 em uma rede social, que nos chamou a atenção pelo conteúdo que reforçava o pensamento machista em forma de conselhos de comportamento feminino. Esta teve grande repercussão com 5,1 mil curtidas, 7.303 compartilhamentos e 1,9 mil comentários. O conteúdo apresentado se referia ao modelo de “mulher ideal” nas décadas de 50 e 60 do século XX, com temas relacionados à felicidade conjugal fundamentados no machismo, reforçando a submissão da mulher, mãe e esposa daquele período.

A temática apresenta grande relevância, pois é necessário analisar as relações de gênero considerando as mudanças sociais ocorridas, para que possamos compreender a noção de gênero e imaginário feminino no século XX e XXI. Pertencente a uma sociedade patriarcal que apontava a sua inferioridade em relação ao homem, as mulheres tiveram que percorrer um longo caminho, no sentido de mostrar que ela e o homem se diferenciavam pela questão biológica, o sexo, mas que isto não os tornava seres inferiores ou superiores em relação ao outro.

As expectativas sociais diante de cada gênero foram construídas no decorrer do tempo criando padrões específicos de comportamento e, estes precisam ser desconstruídos, uma vez que a mulher está conseguindo relações mais igualitárias. Apesar das mudanças e vitórias alcançadas no século passado, ainda no século XXI, a mulher encontra muitos desafios e sofre com essa diferenciação de gênero, precisando ratificar recorrentemente que a diferença é biológica, mas essas características femininas e masculinas não devem servir como meio de justificar a dominação do sexo masculino sobre o feminino, colocando-os de lados opostos, com atributos e papéis diferenciados dentro da sociedade.

Utilizamos para a análise o jornal (fonte primária) com 51 anos de edição, publicações semanais, cujas foram entre os anos de 1914 a 1965, para orientar a pesquisa teórica. Foram realizados alguns recortes, selecionando publicações que abordam a temática referente a esta pesquisa. Assim, através de uma análise dentre as várias seções do jornal, foi observado que a maioria das publicações encontravam-se presente nas seções denominadas “Evangelho das Mães” e “Vida no lar”, as quais apresentavam assuntos relacionados às formas de comportamentos de mulher, mãe e esposa idealizadas no período.

Nossa revisão bibliográfica foi por pesquisa qualitativa, fundamentamo-nos em Beauvoir (2008), Louro (1987), Priori (2010), Soihet (1997), dentre outros e outras. Nessa perspectiva realizamos uma articulação entre as publicações do jornal e a fundamentação teórica, compreendendo assim, a noção de gênero e imaginário feminino, bem como as permanências e mudanças relacionadas à noção de mulher presente entre os séculos XX e XXI.

## 2 O JORNAL DAS MOÇAS E A NOÇÃO DE MULHER DA ÉPOCA

O Jornal das moças foi criado no século XX, entre os anos de 1964 a 1968, sendo produzido no estado do Rio de Janeiro e distribuído em todo país. Circulava uma vez na semana, sendo vendido em bancas ou entregue pelo correio aos assinantes. Denominado como “revista semanal ilustrada”, possuía em média 75 páginas, apresentando um conteúdo diversificado com informações sobre culinária, dicas de beleza, moda, comportamento, anúncios de produtos, entre outros, com ilustrações, fotos e textos. Voltado especificamente ao público feminino, principalmente, às mulheres de classe média, pois apresentava um custo para sua aquisição, e a maioria era letrada, restringindo assim, o acesso à classe inferior.

Figura 1 – Jornal das Moças



Segundo Soares e Silva (2013), esse periódico se dividia em seções que abordavam temáticas diferentes, chamado de “Jornal da Mulher”, se direcionava às mulheres do lar, com conselhos sobre moda, beleza, comportamentos, culinária, cinema, entre outros.

O Jornal das Moças não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos, receitas gastronômicas. **E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher**, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação (SOARES; SILVA, 2013, p.2, grifo nosso).

Os conteúdos presentes no jornal reforçavam, recorrentemente, os valores morais da família tradicional da época de sua circulação, referindo-se a modelos conservadores que eram sugeridos as suas leitoras.

Jornal das Moças faz questão de manter-se dentro dos “limites da moral e dos bons costumes”, estar sempre de acordo com “bom senso”, claramente a favor da “família estável”, considera que a prioridade da vida feminina deve ser o lar. A revista não faz distinções de classe, como se os modelos veiculados pairassem acima das diferenças sociais. Procura veicular valores morais conservadores e manter as relações de gênero nos moldes tradicionais; seu discurso é quase que homogêneo, não comportando grandes transformações no decorrer do tempo (BASSANEZI, 2005, p.113).

No excerto acima, fica evidente que haviam limites para a mulher, uma vez que seu comportamento influenciava diretamente a constituição de uma família nos padrões normativos. As proposições à mulher conservavam um cunho judicativo, no sentido, de bom ou mau comportamento, colocando sob seus ombros a responsabilidade de um lar feliz, harmonioso e equilibrado. Evidenciando trechos que sugerem formas de comportamento relacionados à mulher – mãe – esposa, na época de circulação do jornal.

As seções analisadas apresentavam conteúdos diversificados: cuidado com os filhos, gestação, alimentação, comportamento, educação e saúde, dicas de como ser mãe, mulher e esposa naquela sociedade. Nessas seções encontramos trechos de autores que falavam do assunto, citadas em forma de frases, histórias, piadas, etc., como exemplo, a citação de Ramalho Ortigão que ressalta o papel da mulher:

A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana **não é ser doutora, telegrafista, boticária, comerciária, jornalista, etc.: é ser mãe e esposa.** - Ramalho Ortigão (JORNAL DAS MOÇAS - Evangelho das Mães, 26/01/1950, p.81, grifo nosso).

O destaque da citação nos leva a compreender como o papel da mulher resumia-se à maternidade, ou seja, essa não era uma opção e, sim, sua função exclusiva. Com o advento da pílula

moderna nos anos 1960, muitas mulheres adquirem o controle sob o seu corpo, podendo ou não viver a maternidade e adiá-la para quando lhe fosse mais conveniente, em outras palavras, esse controle não é mais exercido somente pelo homem. Nesse contexto, o prazer torna-se possível como possibilidade da sexualidade.

Ou ainda, um trecho que fala sobre a importância do exame pré-nupcial, realizado nos jovens antes do casamento, com objetivo de obter uma “prole sadia”, destacando assim, o período higienista<sup>2</sup> vivenciado nesse período.

[...] o exame pré-nupcial, que deve ser feito em cada um daqueles que pretendem casar-se [...] É um dever a cumprir, [...] pois é capaz de protelar ou proibir um casamento tratado e, quiçá destroçar corações frente ao que lhe parece irremediável [...] O tratamento com sua conseqüente cura é possível. O exame pré-nupcial é um exame médico, feito antes do casamento, que visa a saúde dos futuros esposos e da prole [...] E não esqueçam as mães que têm filhas, de que o exame pré-nupcial auxilia a felicidade do lar e prevê uma prole sadia. Esse exame é um teste para o amor materno (JORNAL DAS MOÇAS – Evangelho das Mães, 16/02/1950, p.14).

Segundo o jornal, a mulher depois de casada deveria dedicar-se exclusivamente aos filhos, ao marido e aos cuidados com o lar. Qualquer expressão que apresentasse alguma discordância era motivo para críticas e apontamentos perante a sociedade.

Uma advertência que deve sempre ser ouvida não o está pela maioria dos casais de agora. Unindo-se pelos laços matrimoniais, as moças da atualidade se regozijam mais com a libertação que adquirem da tutela paterna que com a constituição de seu lar, pensando mais na vida do exterior que na vida doméstica, que, convenhamos, está cada vez mais embaraçosa. E a ideia de que um filho pode aparecer aumenta ainda mais o mau panorama que se estende aos olhos que pretendem viver a vida doméstica. Não se esqueçam, porém, moças folgazãs de que a advertência deve ser ouvida com todo acatamento: não retardem por nenhuma razão a chegada do filho e, se depois de um ano de casadas, observarem que o herdeiro não chega, colaborem com médico especialista para tratar de corrigir, o mais breve possível, as causas que impedem sua chegada. (JORNAL DAS MOÇAS – Evangelho das Mães, 02/03/1950, p.14)

Uma questão encontrada, repetidamente, nas publicações é a necessidade de se ter um filho, depois do casamento é claro, pois a “mãe solteira” era mal vista na sociedade e sofria preconceito, como ainda sofre atualmente. Assim, segundo trecho obtido no jornal “Uma mulher sem filhos

---

<sup>2</sup> O higienismo surgiu entre os séculos XX e XXI, essa linha de pensamento defendia, em nome da saúde, os padrões sociais e de comportamento. A sociedade encontrava-se em pleno desenvolvimento urbano e crescimento industrial, os médicos e sanitaristas voltaram suas atenções ao grande número de epidemias já que havia um aumento do número de mortes entre a população. Tais profissionais destacavam a necessidade da população ter uma forma mais digna de vida e que proporcionasse o seu desenvolvimento de forma mais saudável. Assim foram adotadas condutas higienista em diversos espaços da sociedade, onde visavam uma melhor qualidade de vida aos sujeitos.

não pode ser feliz: amar não é nada, é necessário que o amor seja bendito”. – E. Zola (JORNAL DAS MOÇAS – Evangelho das mães, 19/01/1950, p.72).

Figura 2 – Jornal das Moças

**GESSY tem**  
**AÇÃO EXPANSIVA**  
para que seus dentes tenham  
**PROTEÇÃO TOTAL**

A espuma gostosa e abundante do Creme Dental Gessy expande-se por toda a área interna do lábio, limpa onde a escova não alcança, combate a fermentação dos resíduos e neutraliza o excesso de acidez... assegura proteção total para os dentes. O soro um sorriso sempre lindo e um hálito sempre fresco e perfumado, com Creme Dental Gessy.

**Creme Dental GESSY**

**EVANGELHO DAS MÃES**

**DOMÍNIO DAS EMOCÕES**

Os pais não devem exacerbar seu auxílio ao filho por uma simples queda no chão, porque, assim, a criança sentirá que, a menor dificuldade, terá um amparo decisivo. Certa desse auxílio, às vezes desnecessário, vai a criança tornando-se indolente e incapaz de uma iniciativa, mesmo em sua própria defesa.

As manifestações dos temores e dos rebeldes precisam ser devidamente controladas, cortando-as desde que apareçam pela primeira vez.

A criança se deve permitir a conquista da liberdade, e não dar-lhe a concessão dessa liberdade. Essa conquista deve ser praticada e concedida gradativamente dentro dos limites do razoável.

As emoções infantis não devem ser exageradamente aplaudidas nem excessivamente reprimidas, elas devem enquadrar-se na área do bom senso.

**ATIVIDADE E CONFORTO**

A experiência da vida nos ensina de modo incontestável que é melhor viver uma vida conquistada, por pouco esforço.

Nada melhor para fortalecer o indivíduo no ator da vida do que os exercícios naturais, principalmente os praticados nos campos, ao ar livre e afastando os rigores atmosféricos.

Mesmo nos centros urbanos deve o indivíduo evitar o excesso do conforto, em casa ou na rua, pois assim exercitam-se os músculos, estimula-se a circulação, praticam-se uma respiração completa e dá-se a devida atividade a nossos órgãos de nutrição e eliminação, bem como à nossa pele.

Vida íntima não quer definir vida exaustiva sem descanso, sem interrupções que permitam restaurar energias.

Facemos o conforto razoável mas sem que nos entreguemos à inatividade e ao entorpecimento.

Atinjamos o conforto com a nossa atividade.

**AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE:**

- Viagem em veículos trepidantes não deve ser feitas nos dois primeiros nem nos dois últimos meses de gravidez.
- O ambiente em que vivem as crianças exerce na infância sobre as mesmas pela ação dos fatores mecânicos, físicos, químicos, biológicos e sociais, podendo ser ação ter benéfica ou nociva, razão pela qual deve ser escolhido para a criança um ambiente adequado.
- A dentadura humana deve ser redigridada pelo menos uma vez por ano.
- Para ter-se boa instrução é necessária muita leitura boa, lida perfeitamente a uma centímetros de olhos.
- As crianças de 6 a 12 anos devem ser fornecidas alimentos crus, como as frutas e certas verduras de folhas, livres da contaminação de insetos.
- Quando se apresenta a uma criança um alimento com aspecto agradável, mais gostoso ou mais chamativo, facilitado a sua digestão.
- O leite recusado por uma criança pode ser pela mesma muito bem recebido se se deturba no mesmo, uma gota de café, um pouco de canela ou uma ou duas colheres de avelã.
- Os alimentos sólidos devem ser fornecidos às crianças em pedacinhos pequenos, permitindo assim melhor mastigação e assimilação e, conseqüentemente, melhor assimilação.

**TALENTOS ENCASULADOS**

Preocupar-se a leitora com a colocação de seu filho na lista de classe, ocupando um lugar não muito recomendável? Tem que desses fracassos na infância sejam denunciadores de uma má sucessão na vida futura do mesmo? Se a resposta é não dá rídeses a esse estado de pessimismo, pois existe uma boa probabilidade de que seus temores careçam de fundamento. Até é possível que tenha em casa um gênio sem sabedoria.

Os homens são meninos grandes, mas é impossível prever que espécie de homem será um determinado menino. Mais de um pai e de um mestre têm desistido de apreciar as possibilidades de jovens excepcionais. De fato, diante sua infância e adolescência numerosas pessoas que logo conquistaram fama foram consideradas ignorantes.

Uma família sul-africana, por exemplo, preocupava-se muito com seu filho. Era fraco e muito sentimental e não mostrava desejo de aprender. Aos doze anos não sabia ler nem escrever. Seu pai falava dele como de um menino raro, sem a menor dose de inteligência. Mas hoje, aquele menino chegou à maturidade, e um estadista mundialmente famoso, sólido sábio e estudioso. Seu nome, como a leitora já deverá ter adivinhado, é Jan Cristian Smuts.

O maior estrategista militar dos últimos tempos, Napoleão, não fez uma carreira brilhante na Academia de Brienne. Seu professor de matemática chegou a afirmar abertamente que, em sua opinião, o jovem corso não reunia as condições necessárias para ser um perfeito militar.

Santo Agostinho, considerado hoje pai do Cristianismo, foi em sua adolescência um má estudante e praticou atos nada recomendáveis.

O jovem Tomar de Aquino, quando estudava em Colônia, era considerado por seu mestre um idiota. E ele posteriormente conquistou fama universal e é considerado como o maior talento de seu tempo.

Não percam, pois, as esperanças as mães cujos filhos não são considerados pelos mestres como sábeos e inteligentes os mestres também se enganaram.

**A ANARQUIA CONTRA A SAÚDE**

Um dos hábitos que, entre os nocivos, o cartório pratica é o de fazer refeições em horas diferentes em cada dia e as pressas.

Para evitar a má reação eficaz contra esse hábito tão prejudicial à saúde, E, se há mães que o praticam, não levem a essa prática seus filhos. Devem elas lembrar-se que são elas mesmas as mais diretamente responsáveis pela sua saúde. É uma prova de menosprezo por sua descendência e ainda uma falta de altruísmo. E assim o diemos para não avançarmos até uma expressão não primorosa, mas verdadeira, que é a que define falta de amor próprio. A mulher que é mãe e que se preza de o ser deve entusiasmar-se, orgulhar-se mesmo de ser um filho saudável, quando isto possa conseguir exclusivamente por seus próprios meios.

**OS POR QUÊS SEM RESPOSTA**

Cada "por quê?" sem resposta estende a civilização.

—educar é o mais precioso dos verbos que uma mãe deve conjugar todos os dias e sem erros.

—uma criança educada é uma criança livre.

—quem ensina à criança o bom caminho da vida é o melhor dos patriarcas.

—uma criança, quando é convidada a escolher, escolhe o mais cômodo, o mais fácil, o que representa para ele o mais divertimento.

—alegrar uma criança não significa inventar-lhe um mundo para uma realidade difícil e inalcançável mais tarde.

—o exemplo poderia ser um ensinamento perfeito para o filho se os pais soubessem praticá-lo com perfeição.

—tudo o que se diga em bem da educação espiritual de uma criança deve ser executado: tudo deve ser respeitado, mas não inteiramente aplicado; a sensibilidade daquele que vai fazer uso do conselho pode tornar este destrutivo.

**EVANGELHO DAS MÃES**

68 — JORNAL DAS MOÇAS 22-7-1950

Outro destaque recorrente encontrado nas publicações fala da responsabilidade feminina de zelar pelo bem-estar da família, mantendo a harmonia dentro do lar.

Passada a época inicial de um matrimônio, quando já não se justificam as fantasias multicores das ilusões da mocidade, o casal deve encaminhar seu pensamento para as responsabilidades que cabem a cada um na manutenção do seu lar. A parte material é quase toda afeta ao esposo, mas a moral está entregue quase toda à esposa. E esta é muito importante. Da mulher dona de casa mui depende o conceito de família. E este deve estar sempre em plano muito elevado [...] (JORNAL DAS MOÇAS, 1956, p.17, grifo nosso).

Um lar feliz onde reine a felicidade é tudo que uma mulher sonha. A ela compete um dos principais papéis na harmonia do lar. Ela é quem manobra o “seu pequeno mundo”, lidando com os filhos, cuidando do marido, preservando a saúde de todos. As tarefas árduas da casa a ela competem. O esposo cuida de suas atribuições, fora de casa, trazendo o sustento e o conforto moral (JORNAL DAS MOÇAS - Vida no lar, s d, p. 4, grifo nosso).

A vida social das mulheres era apontada em várias publicações, que traziam muitas críticas sobre as formas de comportamento apresentadas por algumas mulheres, sendo estas apontadas como “fora dos padrões” estabelecidos naquele modelo de sociedade conservadora.

É necessária que as mães voltem as vistas para seus lares, que praticamente estão abandonados pelas exigências da chamada vida social. É impossível que exista boa organização interna no lar se a mãe, que é a sua figura principal, e, por isto mesmo, insubstituível, delega sua missão aos criados de aluguel ou, o que ocorre também a miúdo, se entrega à renúncia, simplesmente. O dever essencial, inescusável, de uma mãe, é ocupar-se em dirigir pessoalmente a educação de seus filhos, que necessitam de seus cuidados, de seu valor, e, sobretudo, de seu exemplo, para que se possam desenvolver sãos de corpo e de espírito (JORNAL DAS MOÇAS - Evangelho das mães, s/d).

O perfil de “mulher ideal” é destacado no jornal que elenca certos comportamentos ditos como “específicos” do gênero feminino. Enfatizando o papel de submissão ao lar, filhos e esposo, demonstrando ainda a forte diferenciação feita entre os gêneros.

**o homem procura a companheira que ponha ordem em sua vida doméstica;** - a mulher deseja um homem que provenha o lar com as coisas necessárias para o seu sustento e a redima de sua condição de solteira, onde sua vontade era sobrepujada pela de seus pais, irmãos, opiniões públicas e pessoais [...] quando, diminuído pela rotina o romantismo do amor, a esposa pretende usufruir a liberdade que seu novo estado lhe concede (de solteira para casada) e consagra a passeios e visitas o tempo que deveria destinada às tarefas do lar. **Seu marido, que, certamente, buscou no casamento a solução de seu problema doméstico,** não tardará a sentir a falta das mãos da esposa na arrumação do lar. E, assim, surgem as primeiras discussões (JORNAL DAS MOÇAS – Bom dia senhorita, s/d. grifo nosso).

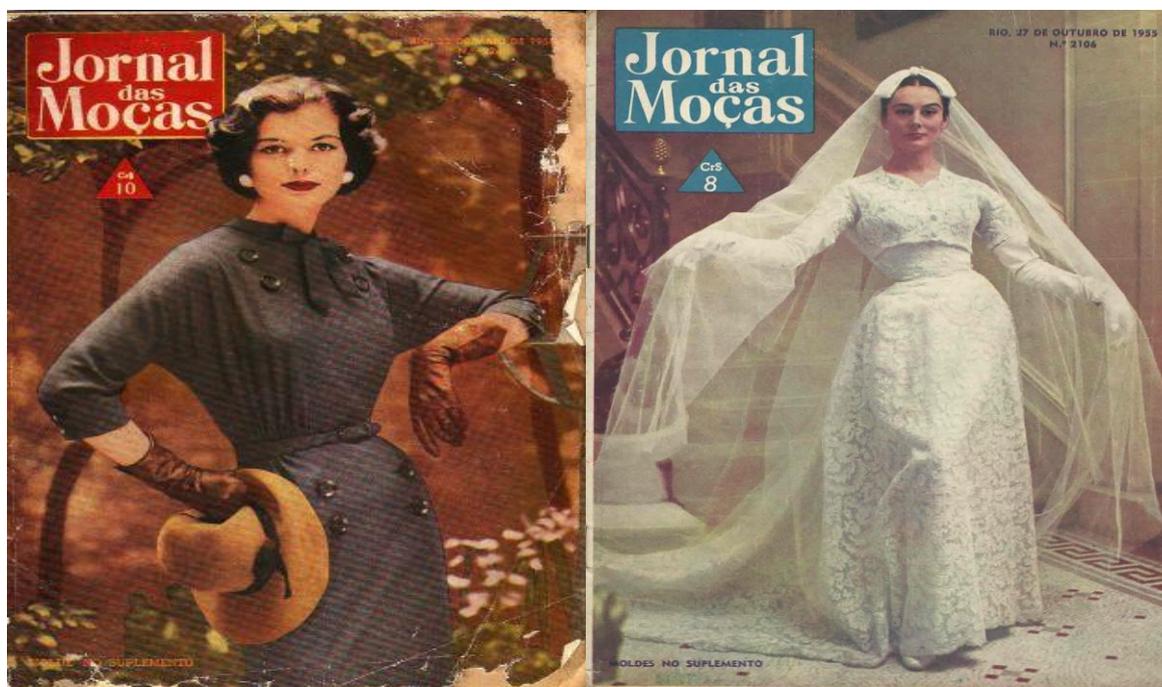
As “tarefas” de dona de casa e mãe são constantemente reforçadas como forma de imposição específica ao gênero feminino tais comportamentos e deveres, e responsabilizando a mulher pela manutenção da harmonia no lar.

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE AS TAREFAS DAS DONAS DE CASA SÃO AS SEGUINTEs:

- preparar, pelo menos mentalmente, o programa de cada dia.
- determinar refeições saudáveis.
- controlar as despesas.
- manter a casa em ordem.
- verificar os trabalhos escolares de seus filhos.
- fazer com que os mesmos cumpram com seus deveres higiênicos, **fornecendo-lhes em seguida roupa limpa.**
- não receber visitas em horas impróprias.**
- ter a tempo e a hora o necessário para o pagamento aos fornecedores.
- não esquecer jamais de que a alimentação de uma criança exige mais cuidado do que a de um adulto.

- cuidar sempre de seu aspecto pessoal.
- proporcionar momentos de descanso para seus filhos, seu esposo e para si.  
(JORNAL DAS MOÇAS, Evangelho das mães, p.16, 24/8/1949. Grifo nosso).

Figura 3 – Jornal das Moças



Para Bassanezi (2005), o “Jornal das Moças tem uma visão bem específica de “felicidade matrimonial” (2005, p.119)”, pois coloca em suas publicações que a “felicidade no lar” é de total responsabilidade da mulher, onde o bem-estar do marido e filhos depende dela. E que sua felicidade como esposa será consequência de seus atos. Expressa em seus conteúdos uma noção de mulher submissa, dependente, frágil em relação ao gênero masculino.

As revistas defendem, neste aspecto da relação homem-mulher, um claro sentido de desigualdade de gênero, admitem e reforçam uma hierarquia de poderes na sociedade conjugal onde o polo dominante é o masculino (BASSANEZI, 2005, p. 118).

A noção de mulher presente no Jornal das Moças revela o forte conservadorismo do século XX em relação ao gênero feminino, em que o homem é visto como ser superior em relação à mulher, e ela é totalmente dependente dele. As formas de comportamento são diferentes para cada um, sendo ele livre para agir da forma que quiser, já ela, precisa ser recatada, dócil, submissa, sendo responsável pelo bem-estar do marido, filhos e do lar.

### 3 A MULHER DO SÉCULO XX E XXI

Para compreender a noção de mulher presente no século XX é importante observar que a maioria da organização familiar era baseada no patriarcado, onde o homem é considerado superior em relação à mulher, e as diferenças entre os gêneros, que são biológicas e naturais, serviam como pretexto para o homem exercer um poder de dominação em relação ao sexo feminino e estabelecer diferenças culturais. Dessa forma, a sociedade (masculina) criou modelos estereotipados de comportamentos que passaram entre as gerações, estabeleceram então, uma diferenciação, uma separação de comportamentos específicos nas diferentes organizações sociais.

A ideologia dominante, que junto com a dominação de classes passava à dominação do sexo masculino sobre o feminino, vinha pela imprensa, pela escola, pela igreja, dissolvida nas instituições políticas e sociais. Na educação escolar os ideais de mulher submissa, obediente, recatada, prendada, certamente eram ensinados as jovens estudantes (LOURO, 1987, p. 30).

A partir do século XVIII, segundo Goldenberg e Toscano (1992), em âmbito mundial, a sociedade passou por grandes mudanças referentes à questão feminina, tais como, o direito da mulher ao voto, legislação trabalhista e a consolidação dessas leis referente ao trabalho da mulher. Organizações e associações de mulheres se consolidaram em muitas lutas no combate às diferenças impostas pela sociedade machista, que as considerava como o sexo frágil. O movimento feminista veio como principal veículo de propagação de direitos igualitários para as mulheres, fortalecendo-se aos poucos em todo o mundo, sendo o movimento de referência das lutas relacionadas à questão feminina.

Com o processo de industrialização e modernização da sociedade do século XIX, a mulher passou a ter uma visão diferente do meio onde estava inserida, a partir das relações estabelecidas no novo modelo social, ela se posicionou de forma a questionar seu papel na sociedade. As mulheres do século XIX “começavam a atuar nas fábricas e em alguns casos nos movimentos políticos operários. Não só o contexto brasileiro se alterava, mas o mundo globalmente, influenciado pelas transformações da sociedade” (LOURO, 1987, p. 14). Então, buscaram novas funções e papéis dentro dessa sociedade.

Até a década de 1970, muito se discutiu acerca da passividade da mulher, frente à sua opressão, ou da sua reação apenas como resposta às restrições de uma sociedade patriarcal. Em oposição à história “miserabilista” — na qual se sucedem “mulheres espancadas, enganadas, humilhadas, violentadas, subremuneradas, abandonadas, loucas e enfermas...” — emerge a mulher rebelde. Viva e ativa, sempre tramando, imaginando mil astúcias para burlar as proibições, a fim de atingir os seus propósitos (SOIHET, 1997, p. 403).

A noção de “mulher”, gradativamente, sofreu alterações com a busca e inserção de um novo lugar na sociedade. A mulher não aceitava mais essa inferiorização e desigualdade em relação ao sexo masculino, não queria mais ser rotulada de frágil, submissa, dependente, obediente, etc., uma vez que se compreendia como um ser possuidor dos mesmos direitos que o homem e que foi por muito tempo reprimida pela sociedade e, aceitou essa repressão.

há uma ideologia que prega um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada apenas às funções de mãe ou à participação profissional condizente com essas funções, e que esta ideologia foi sendo construída ao longo dos tempos. Esta é uma representação de dominação masculina, que tem sido apresentada como “natural”, ou seja, como se fosse da “natureza feminina” tais características (LOURO, 1987, p. 12).

Sendo assim, algumas mulheres que não aceitavam mais as situações que lhe eram impostas começaram a se organizar contras estas situações. Elas perceberam que não precisavam ser dependentes do homem, diante disso, começaram a exigir seus direitos e igualdade social e como resultado, organizaram movimentos que buscavam essa igualdade e o reconhecimento na sociedade:

o movimento feminista, enquanto ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita, só vai surgir no quadro de mudanças mais profundas que marcam a história da Europa Ocidental a partir do século XVIII (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 17).

Segundo Toscano e Goldenberg (1992), o movimento feminista na Europa em meio à “corrida industrial, a expressão mais evidente da expressão do capitalismo, e a Revolução Francesa, seu paradigma político, foram o caldo de cultura de onde brotou o feminismo” (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 17).

Já no Brasil, afirmam que “o feminismo, enquanto movimento organizado, aparece, entre nós, na segunda década do século XX” (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 25). Esses movimentos e suas lutas tiveram grande importância nas conquistas garantidas pelas mulheres na sociedade, e ajudaram no fortalecimento do movimento feminista, onde:

Ao longo do século XIX, o feminismo foi se estruturando enquanto movimento, na medida em que as diferenças de tratamento entre o homem e a mulher, no mercado de trabalho e no conjunto da sociedade, foram se tornando mais e mais evidentes (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p.19).

Para Scott (2005), “o feminismo foi um protesto contra a exclusão das mulheres da política; seu objetivo foi o de eliminar a diferença sexual na política” (SCOTT, 2005, p.21). A luta pelo voto

e sua atuação em favor do gênero feminino, fez com que o movimento aflorasse ainda mais a diferenciação entre os gêneros, pois as feministas eram vistas como inimigas dos homens, a sociedade não compreendia o motivo real de sua luta, assim, a busca pela igualdade foi vista como afronta aos padrões, maridos e sociedade como um todo.

Na busca pela liberdade, Beauvoir (2008), destaca que a independência da mulher a partir do trabalho possibilitou um fortalecimento no meio de suas lutas por direitos e igualdades:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser um parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino (BEAUVOIR, 2008, p. 47).

No entanto, mesmo inserida no mercado de trabalho e mais atuante na sociedade, as condições continuavam desiguais e desproporcionais para a mulher em relação ao homem faziam dela um ser inferior em questões de igualdades e direitos, “a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram” (BEAUVOIR, 2008, p. 48). Sendo assim, infelizmente “a mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica ao homem” (BEAUVOIR, 2008, p. 50).

Ressaltamos que a mulher desde o seu nascimento é exposta a situações que reforçam o desenvolvimento de uma identidade feminina padrão pela proximidade com a mãe, a forma de educação em casa, na religião, na escola e no meio social. Nas brincadeiras infantis, os papéis sociais estabelecidos geralmente são uma “prévia” da mulher na vida adulta, como exemplo, brincar de casinha (cozinhar, lavar louça, ser a mamãe da boneca, cuidar da casa), dentre outras brincadeiras que reforçam um comportamento pré-estabelecido da mulher, mãe e dona de casa na vida feminina.

Na educação escolar, destacamos algumas práticas que ensinam a “ser mulher” e que estabelecem diferenciações entre os gêneros como: brincadeiras e brinquedos, cores, comportamentos, ditos especificamente como sendo “coisa de menino, ou coisa de menina”. Frases como: “você não deve se comportar assim, isso é coisa de menino (a)”, “rosa é cor de menina” ou “jogar futebol é coisa de menino” são muito comuns nos ambientes escolares e reforçam tais diferenças, como se certos comportamentos fossem estabelecidos a partir do gênero, e assim, um não pode fazer o que seria do outro.

A mulher [...] sabe que quando a olham não a distinguem de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toaleta. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permanência frágeis: as meias rasgam-se. Os saltos acalcanham-se, as blusas e os vestidos claros sujam-

se, as pregas desfazem-se; entretanto, ela mesma deverá reparar a maior parte dos acidentes; suas semelhantes não a auxiliarão benevolmente, e ela terá escrúpulos em sobrecarregar seu orçamento com trabalho que pode executar; as permanentes, as ondulações, a pintura, os vestidos novos já custam bastante caro (BEAUVOIR, 2008, p. 52-53).

Em contraponto, o homem sempre teve papel de destaque, como figura de suma importância na vida mulher, não só como companheiro, mas como proprietário, provedor, superior, considerado indispensável para a vida feminina. A forma de educar o menino ocorreu e, ainda ocorre, de forma diferenciada em relação a da menina, haja vista que ele sempre teve mais liberdade em relação ao seu comportamento, brincadeiras, modo de vestir, dentre outros, que lhe permitiam e permitem uma condição de superioridade, autonomia e liberdade em relação à da menina. Sendo assim, a sociedade sempre reforçou a fragilidade e submissão da mulher, ressaltando a supremacia da figura masculina.

Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu (BEAUVOIR, 2008, p. 29).

A vontade de estudar, trabalhar, ser independente, não era bem vista na sociedade, tais comportamentos eram motivos de afronta à família, principalmente aquelas que eram consideradas “as moças de família” perfeitas para casar, cuja educação era voltada para ser uma boa mãe e dona de casa, com boa moral, doçura e pureza. Toscano e Goldenberg (1992) afirmam:

Recusamos o discurso que coloca a mulher como vítima indefesa, sem responsabilidade sobre seu destino, cuja única meta é realizar o sonho de ser boa esposa e mãe. [...] Não buscamos regalias ou prêmios por nossa condição, mas apenas o merecido respeito por nossas ações, não aceitamos a crença no determinismo biológico que define o sexo pelos caracteres anátomo-fisiológicos e acreditamos, como Simone de Beauvoir, que a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher pela educação e por condicionamentos sociais. Rejeitamos a visão estereotipada da mulher como ser frágil, resignado, passivo e naturalmente servil, mais adaptado ao mundo doméstico e à função materna. Entendemos que a definição da mulher não passa pelo contraste com o homem, como um outro contrário ou oposto, desigual, mas apenas como alguém diferente. (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 58).

Dentre os movimentos que apoiavam as mulheres, o movimento feminista foi o de maior importância histórica, uma vez que possibilitou lutas em relação ao direito ao voto, mudanças nas organizações políticas e nas legislações, direitos trabalhistas e salários melhores, enfatizou a capacidade intelectual da mulher, incentivou a preocupação com a saúde, entre outros, que tiveram

grande contribuição para a inserção da mulher como “ser social” no mundo em que vivia. Nesse meio surgiram muitos movimentos, centros de estudos, convenções, congressos e outros, que tratavam de assuntos especificamente femininos.

sem nenhuma dúvida, o movimento feminista colocou, com muita clareza e força, a discussão sobre questões específicas da mulher, em especial a desigualdade existente entre homens e mulheres no mundo público e no mundo privado. A mulher passou a reivindicar igualdade em todos os níveis, passou a usar a sua voz e, aos poucos, começou a ser ouvida, por toda a sociedade (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 47).

Mesmo com muitas conquistas ao longo das décadas em todas as esferas da sociedade, a mulher continua sua luta constante para mantê-las e avançar em muitas outras. No lar, no trabalho e na sociedade, ela ainda precisa reforçar constantemente que pode ser independente do homem, e que não está em posição de inferioridade. Dentro de casa ela precisa ainda lidar com a maior parte da responsabilidade dos filhos e das filhas e afazeres domésticos; no trabalho precisa lutar por salários melhores e maior valorização; na sociedade precisa lutar contra os vários tipos de violência, falta de reconhecimento e situações desiguais.

na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher estima que, em casando, assumiu encargos de que não a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que houvera encontrado associando-se a “uma mulher de verdade”: quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. [...] Educada no respeito à superioridade masculina, é possível que estime ainda que cabe ao homem ocupar o primeiro lugar; por vezes teme também, em o reivindicando, arruinar o lar; hesitando entre o desejo de se afirmar e o de se apagar, fica dividida, estraçalhada (BEAUVOIR, 2008, p. 66-67).

Podemos dizer que a sociedade evoluiu muito em relação à igualdade entre os gêneros do século XX para com o XXI, no entanto, a mulher ainda sofre vários tipos de preconceitos e diversas formas de violências como a psicológica, a física, a sexual, por muitos não aceitarem a mulher “moderna” que é cada vez mais independente e autônoma. Nem sempre esse tipo de pensamento é somente do gênero masculino, há mulheres que dizem que o seu papel é o de servir e submeter-se aos desejos do marido, sem questionar ou se negar, que é somente dela a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, mesmo trabalhando fora. Vários fatores influenciam essa forma de pensamento: a educação, a religião, a cultura (ou tradições), o trabalho, família, dentre outros, que reforçam as diferenças entre os gêneros, não compreendendo que ambos possuem os mesmos direitos.

Existem diferenças biológicas entre homens e mulheres, no entanto, no sentido social, as diferenças foram construídas a partir da criação de padrões estereotipados para ambos os gêneros. A grande problemática dessa expectativa social de comportamento é a “suposta inferioridade” feminina em detrimento da superioridade masculina, haja vista que a categoria gênero é compreendida sempre como relacional. Se o gênero é uma construção social, sua noção é passível de mudanças, e isso vem ocorrendo com a força motriz das lutas históricas travadas pelas mulheres organizadas ou em seus cotidianos, a nova “noção de mulher” traz à tona problematização de modelos patriarcais.

A mulher livre está apenas nascendo; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: “Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-lhe dado baixa o homem – até agora abominável –, ela será também poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos seus mundos de ideias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, nós as tomaremos, nós as compreenderemos.” Não é certo que seus “mundos de ideias” sejam diferentes dos homens, posto que será assimilando-se a eles que ela se libertará [...] (TOSCANO; GOLDENBEG, 2008, p. 95-96).

#### 4 AS QUESTÕES DE GÊNERO

A história feminina percorreu uma longa trajetória marcada pela diferenciação entre os gêneros, reforçada a partir dos contextos em que a sociedade estava inserida nos diferentes períodos históricos. Como foi citado anteriormente, após o processo de industrialização a sociedade tomou novos rumos, quando a noção de gênero começou a ser usada.

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. **O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais”— a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres** (SOIHET, 1997, p. 404, grifo nosso).

A visão sobre o papel da mulher na sociedade começou a despertar inúmeros estudos e discussões, bem como, as formas de relações familiares, conforme aponta SOIHET (1997), citando Gilberto Freire nesse sentido. Ela enfatiza que os “debates se estabeleceram sobre as repercussões do processo de industrialização, urbanização e modernização na estrutura familiar” (SOIHET, 1997, p. 419). E afirma que as mudanças ocorridas na família dita como tradicional resultou do

processo industrial, que foi responsável também pela mudança entre as relações matrimoniais causando mais igualdade entre os gêneros pela inserção feminina no processo produtivo.

No Brasil devem-se a Gilberto Freyre as primeiras abordagens sobre a família brasileira. O modelo patriarcal teria se estendido do início da colonização até o século XIX. Freyre detém-se, minuciosamente, na abordagem dos papéis femininos; as mulheres brancas são dadas como submissas, embora fiquem evidenciadas manifestações de seu poder — o que é revelado, por exemplo, nos maus-tratos infligidos às escravas suspeitas de atrair a atenção de seus maridos. Em que pese as generalizações de Freyre, quando assume a família patriarcal como o único modelo, deve-se acentuar o seu pioneirismo e sensibilidade ao focalizar questões como a sexualidade, o corpo e o cotidiano, só há pouco objeto do interesse dos historiadores (SOIHET, 1997, p. 421).

Segundo Bassanezi (2005), ao analisar o papel das revistas femininas no período entre 1945-1964 e o ideal de mulher apresentado em seus conteúdos, mostra como eles reforçavam a intensidade como a discriminação de gênero se manifestavam nesse meio, mas onde também o desenvolvimento econômico trouxe modificações importantes que refletiram no papel feminino dentro dessa sociedade, que tinha uma organização estrutural que:

No modelo dominante de família na época enfocada, as distinções de gênero delegam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres - são considerados os “chefes da casa”. As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (prioritariamente mães, donas de casa e esposas, vivendo em função do outro, o homem) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidade” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc). Aos pais de família cabe sustentá-la com seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido (BASSANEZI, 2005, p.114).

Nesse sentido, no século XX observamos que um dos fatores importantes para o processo de “libertação feminina” do modelo de família tradicional e da mudança de posição dentro da sociedade foi o desenvolvimento capitalista, que, a partir da organização social, da herança cultural, da religião, do mercado de trabalho e dos processos educativos possibilitou à mulher novas formas de olhar para esse modelo social que se iniciava.

Apesar das conquistas, estudos demonstram a persistência de profundas desigualdades entre os dois sexos: desigualdade econômica ou de acesso aos postos de decisão e poder. Dentro dos casais, a partilha de tarefas ainda é uma doce utopia; as mulheres consagram-se três vezes mais que seus companheiros às atividades domésticas e parentais, e nesse campo, as cifras evoluem muito pouco. Quanto à representação política mesmo se ela progrediu pouco no período mais recente, ela continua um flagrante bastião de desigualdade entre homens e mulheres. As mulheres têm ainda muito por conquistar (PRIORE, 2010, p.19).

Segundo Almeida (2006), “embora o movimento feminista dos anos de 1960 e 1970 do século XX tenha tentado derrubar as barreiras de desigualdade de natureza biológica” (ALMEIDA, 2006, p. 96), o imaginário social tenta estabelecer a diferenciação dos papéis sexuais para cada gênero, predeterminando comportamentos que induzem uma estereotipia sexual.

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades. Gênero, portanto, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades, definições de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres e o que é – e o que não é – considerado de homem ou de mulher, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo (SECAD/MEC, 2007, p.16).

Para Ameno (2000), a identidade social dos sujeitos se dá a partir do processo educativo, quando começam a encaixá-los dentro de padrões que são pré-estabelecidos para cada sexo, impondo papéis sociais que direcionam as formas de comportamento masculino e feminino.

Nascemos macho ou fêmeas, porém existe uma identidade social chamada “homem” e uma outra chamada “mulher”. É exatamente a educação que vai nos definir como machos-homens ou fêmeas-mulheres. Em outras palavras, seremos desde o berço modelados numa forma, cujos contornos estão previamente estabelecidos como femininos ou masculinos, conforme nosso sexo (AMENO, 2000, p. 53).

Assim, surgiram características e comportamentos específicos ao gênero feminino, que no século XX eram chamados de virtudes femininas, tais como doçura, passividade, submissão. No século XXI, com a participação efetiva na vida social e econômica, surge uma mulher com novas virtudes, sendo independente, forte, decidida. Não no sentido de buscar superioridade em relação ao homem, mas na luta pela igualdade social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a maioria das mulheres não usufrui de uma posição igualitária dentro da sociedade no século XX, bem como em períodos anteriores. Nossa vida foi marcada por imposições da sociedade dominada pela supremacia do gênero masculino, baseados no conservadorismo e no patriarcado. Com o processo de industrialização e expansão do capitalismo, fomos inseridas no mercado de trabalho, mas não de forma igualitária em relação aos homens, pois ainda somos rotuladas como o “sexo frágil”. Na vida social e conjugal fomos e, muitas vezes, ainda

somos consideradas como dependentes do homem e responsáveis pelo bem estar da família e do lar e, por conta desses papéis, temos comportamentos específicos para seguir.

As revistas destinadas ao público feminino do século XX ajudavam a reforçar o pensamento conservador em relação à mulher. Apresentavam em seus conteúdos dicas de comportamento, como se fossem regras de sociabilidade, enfatizando modos de como ser boa mãe e esposa, destacando a submissão ao homem e atribuindo toda a responsabilidade do sucesso ou insucesso do casamento e da harmonia do lar sobre à mulher. Todo comportamento que fugia a tais padrões era visto como afronta ao homem e à sociedade, também eram usados como forma de reprimir as mulheres.

As mulheres por compreenderem que possuíam direitos iguais aos homens, começaram a exigí-los, organizando-se e buscando meios de se inserir de forma mais igualitária e participativa na sociedade. E, mesmo sob muita repressão, conquistaram diversos avanços a partir de meados do século XX e início do século XXI, que se estendem até a atualidade.

A posição das mulheres na sociedade contemporânea ainda não é igualitária ao dos homens, mesmo que digam que somos mais independentes e livres, precisamos reforçar recorrentemente que somos possuidoras dos mesmos direitos que o homem, e que a diferença biológica não nos faz inferior a eles. Ainda há muito preconceito em diferentes meios sociais, sofremos diversas formas de discriminação e violência (que aumentam a cada dia), haja vista que pensamentos conservadores são transmitidos de geração para geração por meio de tradições e culturas.

Reafirmar os direitos da mulher na sociedade atual e exigir a igualdade entre os gêneros, não é estabelecer uma disputa ou rivalidade entre homens e mulheres, mas sim, proporcionar uma sociedade mais justa e humana, onde todos possam participar ativamente em todos os âmbitos sociais, sem discriminação, repressão ou violência, eliminando todos os meios que propagam a diferenciação entre os gêneros.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na educação: missão, vocação e destino?**. In: O legado educacional do século XX no Brasil / Demerval Saviani; Jane S. de Almeida; Rosa F. de Souza; Vera T. Valdamarin. – 2º ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 59 – 108. (Coleção Educação Contemporânea)

AMENO, Agenita. **A identidade dos sexos**. In: A função social dos amantes. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.53-60

BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu, n. 1, p. 112-148, 2005. Disponível em:

><http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>> Acesso em: 05 nov. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**; tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

JORNAL DAS MOÇAS. In: Hemeroteca Digital Brasileira – **Biblioteca Nacional Digital Brasil/Jornal das Moças digitalizado**. Disponível em: ><http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 05 abr. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres**. Ed. da Universidade, UFRGS, 1987.

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. **Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/20637/12917>>. Acesso em: 8 dez. 2016.  
\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, n° 15, p. 74-82, ago. 2001.

PRIORE, Mary Del. **A “velha igualdade” e a “nova identidade”**. In: Jogos de gênero: discursos, representações e identidades – História em foco. Historien: Revista Universitária Eletrônica. Petrolina. Edição temática. n°2. Ano I. Jan./ Mar. 2010. p. 9-24.

SCOTT, Joan W.; KLANOVICZ, Jói; FUNCK, Susana Bornéo. **O enigma da igualdade**. Estudos feministas. Florianópolis – SC. 2005. p. 11-30. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2005000100002/7778>> Acesso em 01 nov. 2016.

SECAD/MEC, Secretaria de educação, alfabetização e diversidade do Ministério de Educação. Cadernos SECAD 4. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília – DF, maio 2007.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa da. **O jornal das moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas**. Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel, n. 3, 2013. Disponível em : <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013/2594>> Acesso em: 20 maio 2016.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399 – 429.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

***Title***

Jornal das Moças: the mediatic enunciations and the notion of gender and feminine imaginary in the 20th century.

***Abstract***

The current article has by objective understand the notion of gender and feminine imaginary of the 20th century, from analyzes realized in the publications present in Jornal das Moças, observing so, the permanence and change between the 20th and 21st centuries, based on readings of male authors and female authors that study the thematic. Highlighting that the magazines of 20th century influenced the maintenance of stereotyped behaviors, ratifying the separation among the genders and reincorcingthe female roles like mother, wife and lady in the society. In the transition between the 20th and 21st centuries, the woman faced many conflicts to achieve the social equality, got herself insert in the job market, in the politics, conquered more liberty in the relationships, among others. However, many women still in disproportionate situation about the men in the atual society. We don't disregard the advances between the genders, but part of the society remains grounded in the conservatism and patriarchy of 20th century, that hind the relations and perpetuate the inequalities.

***Keywords***

Gender; Jornal das Moças; Woman; Imaginary.

---

Recebido em: 01/10/2017.

Aceito em: 07/11/2017.